

O carnaval e os Clubes Carnavalescos Negros em Pelotas

Santos, M. V.¹ *; Gill, L. A.¹; Paula, D. C.¹; Tavares, V. S.¹; Marcello, J.¹;
Oliveira F.¹; Meggiato C.¹; Loner, B. A.¹

¹Núcleo de Documentação Histórica – NDH – ICH / UFPEL

Campus das Ciências Sociais - Rua Alberto Rosa 154 – Caixa Postal – 354 CEP: 96010-770

celehis@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

No século XIX, a cidade de Pelotas, absorveu um grande número de trabalhadores escravizados devido sua intensa atividade charqueadora. A historiografia a respeito da presença negra na cidade está intimamente relacionada a este período, sendo poucos os estudos que abordem o destino da etnia negra pós-abolição em Pelotas, assim como no Rio Grande do Sul. No entanto, nas primeiras décadas do século XX, formou-se uma expressiva e variada rede associativa negra na cidade [4], da qual fizeram parte, os clubes carnavalescos negros, objeto desta pesquisa. Outro indício da forte organização da etnia na cidade é a existência do jornal “A Alvorada”, jornal negro, criado em 1907 [6].

Entre os clubes carnavalescos pesquisados destacam-se o Depois da Chuva (1916), o Chove Não Molha (1919), e o Fica Aí (1921), dos quais somente o primeiro não se encontra em funcionamento atualmente, o que dificulta a pesquisa de seus vestígios. A constituição desses espaços propicia para parte da população negra pelotense, a participação em atividades de lazer, recreação e sociabilidade aos moldes das sociedades aristocráticas brancas da época, nas quais não era permitida e participação de negros. Os clubes carnavalescos desempenharam importante papel como aglutinadores de famílias negras da cidade.

O projeto, que conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), visa reconstituir a trajetória destes clubes, bem como verificar suas ligações com outras associações e suas relações internas. A idéia também é preservar sua memória, através da organização dos acervos documentais dos clubes.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa está sendo realizada através de duas frentes de trabalho: pesquisa em fontes primárias e história oral.

A pesquisa em fontes primárias, é realizada através de jornais [1,7] e documentos dos clubes. Os jornais pesquisados circulavam na cidade de Pelotas no período entre 1930 e início da década de 1960. Entre os jornais pesquisados está “A Alvorada”, que dirigia-se principalmente para a população negra da cidade de Pelotas,

abordando questões referentes a discriminação do negro, trabalho e trabalhadores, esportes, organização e atividades de clubes carnavalescos. Outros jornais da cidade como “ A Opinião Pública” e “Folha do Povo”, costumavam abordar os clubes no período do carnaval, de uma forma mais generalizada apresentando a amplitude das festas na cidade, as transformações do carnaval e das formas de participação dos clubes carnavalescos negros no carnaval de Pelotas, ao longo do período pesquisado. Ainda no que se refere aos documentos primários, foram pesquisados os livros atas do C. C. Fica Aí e fichas de antigos sócios.

A história oral colabora para pesquisa, no sentido de preencher lacunas deixadas pelas fontes primárias [5,2], principalmente após a década de 1960, quando os jornais não focalizam mais os Clubes carnavalescos no período do carnaval, e o carnaval de rua é protagonizado pelas escolas de samba. O cotidiano dos clubes e o perfil de seus sócios também são evidenciados através dos depoimentos. As entrevistas são realizadas a partir de um roteiro comum, sendo incluídas outras questões conforme o andamento do depoimento. Até agora, foram realizadas dez entrevistas com freqüentadores e/ou sócios dos Clubes Fica Aí, Chove Não Molha e Depois da Chuva. O contato com sócios antigos, também propicia o recolhimento de fotos para a constituição de um acervo digital.

Paralelamente a coleta de dados, foram feitas discussões de textos¹ a fim de orientar a análise do material pesquisado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa nos jornais corrobora no sentido de apresentar a participação dos clubes carnavalescos negros no carnaval, a organização de seus desfiles públicos e suas festividades internas. A partir dos jornais podemos analisar o carnaval pelotense como um todo, concluindo que ele é constituído por fases de participações diferenciadas, ou seja, o carnaval da década de 30 é caracterizado por uma grande participação de clubes carnavalescos, já na década de 40, surgem os blocos da “Bicharada”(Camelo, Jacaré, Girafa...), e com o desenrolar da II Guerra Mundial, culminando na participação brasileira em 1945, a crise e o medo levam à discussões a respeito da realização ou não de carnaval de rua em meio ao conflito, a participação dos Clubes carnavalescos neste período fica mais relacionada a festas de salão do que ao carnaval de rua. Na década de 50, a organizam-se as primeiras escolas de samba, entre elas a Academia do Samba do Fica Aí, que segundo os depoentes foi criada no Clube Fica Aí pra ir Dizendo e depois desvinculou-se. Na década de 60, a imprensa focaliza a participação das escolas de samba. O Clube Fica Aí desfila nas ruas entre as escolas, como Academia do Samba do Fica Ai, e assim como o Chove Não Molha apresenta sua programação interna na imprensa. Portanto, as atividades externas dos clubes carnavalescos (desfiles até a residência da rainha, realização de "assalto", o cumprimento a imprensa local, a freqüência de apresentações públicas) mudam entre a década de 30 e a década de 60 (assim como o próprio carnaval). Já as atividades externas como festa de coroação da rainha, bailes para sócios, chá dançante continuam ao longo do período quase da mesma forma.

As atas do Clube Fica Aí pra ir Dizendo, dos anos 38 a 46, apresentam uma forte preocupação e vigilância do clube com o comportamento de seus sócios, chamando aos pais responsabilidade do comportamento dos jovens dentro e fora do

clube. O jornal “A Alvorada” em sua coluna intitulada “Pescadinha”, também coloca-se em constante policiamento aos jovens frequentadores dos clubes carnavalescos, expondo os “maus comportamentos”. Assim, percebe-se um comprometimento com a moral e costumes, envolvendo a opinião pública (através do jornal), o clube e as famílias dos sócios.

Em seus depoimentos, os entrevistados colocam diferenças existentes entre os Clubes carnavalescos Fica Ai, Chove Não Molha e Depois da Chuva. Segundo eles, a principal diferença entre os clubes estaria na formação de seus quadros sociais. O Fica Ai era considerado um clube da elite negra, o Chove Não Molha era tido como intermediário e o Depois da Chuva abrigava uma parcela mais humilde. Assim como nos jornais, os depoimentos relataram as atividades internas dos clubes, e ainda, colocam o distanciamento entre os clubes negros e brancos na cidade. Informações a respeito da localização das moradias de associados estão apontando para a possibilidade de mapeamento de territórios negros na cidade [3].

4. CONCLUSÕES

Com base na bibliografia utilizada para a análise do material pesquisado, conclui-se que nas primeiras décadas do século XX, a comunidade negra pelotense buscava seu espaço e sua valorização na sociedade através da organização da etnia. Nos clubes carnavalescos a questão de valorização seguia os moldes da sociedade branca burguesa, absorvendo seus padrões de comportamento e moralidade. A diferenciação entre os quadros sociais dos clubes, evidencia uma diferenciação sócio-econômica entre na comunidade negra. A elite negra do Fica Ai era composta por famílias com estabilidade profissional, garantindo a manutenção do clube. Esse grupo era considerado elite também por uma questão de comportamento, pois eram aqueles que devido ao seu grande esforço de trabalho, apresentavam-se à público com requinte em seu modo de vestir, ornamentação de festas, e ainda um quadro social composto por famílias de “boa imagem”, estabelecendo muitos pré-requisitos aqueles que desejavam associar-se.

“ Eu tinha vontade de frequentar o Fica Ai, mas como eu falei, a gente não tinha condições. (...) nos bailes de primavera do Fica Ai, as pessoas iam espiar a entrada, porque eram aqueles vestidos chiques.” (Sirlei Amaro – Entrevista cedida ao projeto)

“Voltando lá no passado, a minha infância e juventude, eu me lembro que, quando eu vim frequentar o Chove, o Chove ficou no meio, em se tratando de condições... É o Chove ficou entre o Fica Ai e o Chuva. O Chove por exemplo, era assim: eles aceitavam a pessoa mais ou menos, mas também tinha que ter... eu me lembro, que uma seleção, era por exigência dos vestidos do baile”.(Sirlei Amaro)

O estudo dos clubes carnavalescos negros proporciona também, o estudo do carnaval pelotense, as atividades carnavalescas dos clubes seguem o compasso do carnaval da cidade, a mudança na sua forma de participação reflete-se na transformação das festas carnavalescas e de seus elementos.

5. BIBLIOGRAFIA

[1] CARDOSO, Alcina M. e ARAÚJO, Silvia M. P. Jornais operários metodologia para análise histórica do discurso operário na primeira república. *História: Questões e Debates*. Curitiba. Junho de 1983, p. 99-110.

[2] CONSTANTINO, Núncia. Narrativa e história oral. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*. Porto Alegre: UFRGS, v.16. nº 1, 1997, p. 115-126.

[3] GERMANO, Íris. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40*. Porto Alegre, 1999. Dissertação de Mestrado.

[4] LONER, Beatriz. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Ed. Universitária: Unitrabalho, 2001.

[5] MEIHY, José C. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

[6] SANTOS, José. A. *Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957)*. Pelotas: Ed. Universitária, 2003. V7.

[7] ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História. São Paulo: PUCSP, nº4, Junho de 85, p. 89-102.